

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR E PROPRIETARIO : SALOMÃO SÁRAGGA
7, rue du Centre, Paris.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa.

| PORTUGAL E COLONIAS (Moeda forte.) | | PREÇOS DA ASSIGNATURA BRAZIL E AMERICA DO SUL (Moeda fraca.) | | FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS | |
|---------------------------------------|-------------|--|-------------|---|------------|
| Semestre ou 6 numeros. | 1,500 réis. | Semestre ou 6 numeros. | 5,000 réis. | Semestre ou 6 numeros. | 8 francos. |
| Trimestre ou 3 numeros. | 800 réis. | Trimestre ou 3 numeros. | 3,000 réis. | Trimestre ou 3 numeros. | 4 fr. 50. |
| Por mez ou numero avulso. | 300 réis. | Por mez ou numero avulso. | 1,000 réis. | Por mez ou numero avulso. | 1 fr. 50. |

Vol. I^o.

PARIS, 30 DE NOVEMBRO DE 1877.

NUMERO 4.



LORD LYTTON

GOVERNADOR GERAL E VICE-REI DA INDIA

SUMMARIO

TEXTO

| | |
|----------------------------------|--------------------|
| Correio de Paris | Guilhermino de Sá. |
| Lord Lytton | |
| Afonso V em França | Pinheiro Chagas. |
| A Bolsa de Bruxellas | |
| Uma boa pinga | |
| O ferrador | |
| A vadia | Andersen. |
| A Guerra do Oriente | |
| Barcos sobre o gelo | |
| O Orangotango | Gomes Leal. |
| Revista bibliographica | João Tedeschi. |
| Variedades | |

GRAVURAS

Lord Lytton. — A bolsa de Bruxellas. — Uma boa pinga. —
O ferrador. — Guerra do Oriente. — Barcos sobre o gelo.

CORREIO DE PARIS

A representação do *Hernani* de Victor Hugo foi o maior acontecimento litterario d'este mez. D'aquella velha guarda muitos faltaram á chamada. A morte tem desbastado as fileiras. Foi em 1830 a 25 de Fevereiro que se deu a grande batalha em que os romanticos ficaram victoriosos. Depois que de coisas se teem passado no mundo litterario. Hoje já não ha classicos nem romanticos. Essas distincções fundiram-se, desapareceram. A critica já não tem opiniões antecipadas. A critica séria abrange uma esphera maior, e constitue uma verdadeira sciencia, em tudo semelhante ás outras. Uma obra litteraria é boa porque encerra em si bellezas, e não porque envolve os principios de uma escola que se oppõe a outra. No mundo litterario a originalidade, o bom gosto e o valor artistico da producção são as condições essenciaes para que seja approvada por uma critica sã. Se o *Hernani* resistio ao tempo, e é hoje tão bello como era então, é porque as faculdades geniaes do auctor o fundiram nos moldes grandiosos que a sua capacidade artistica lhe inspirou. O tempo fez justiça. Já ninguem vae ao theatro para combater. Vão todos para admirar. Apenas algum escriptor da phalange de 1830, ainda alli vae menos pelo drama, do que para illudir-se com a esperanza de ver os antigos camaradas d'aquella luta athletica. Que vacuo! que tristeza! A morte derrubou-os quasi todos. Amigos, inimigos e espectadores da luta quasi que desapareceram. Dos maiores não resta nenhum. Balzac, o analysta do infinitamente pequeno da alma humana, morto. Gautier que levou comsigo o segredo de rendar as phrases, o Benvenuto Cellini da palavra, morto. Méry, cuja originalidade e finura de espirito eram realçadas por uma brillantissima educação classica, morto. Dumas, o maravilhoso engenho que encantou trez gerações com os seus inimitaveis livros, morto. *J'en passe et des meilleurs*. Só o mestre, o gigante, o maior de todos sobreviveu e assombra os novos com a prolongada primavera do seu génio, já agora sem outomno. Apavorado por este rebate de recordações funebres, o velho espectador sente a alma mergulhar-se no abysmo sem fim d'aquella tristeza funebre. De repente sobe o panno. Então aquella dôr transforma-se n'uma doce illusão. Julga-se transportado a outra época. É que aquelles versos são

os mesmos, são os do seu tempo; a scena é a mesma; não é uma illusão; os amigos estão alli todos n'aquella salla. Já não é uma illusão, é a viva realidade. Aquelles versos recordam-lhe tudo, mocidade, ambições glorias, tudo. São como um echo longiquo da patria do ideal.

~~~~~ Não conheço exemplo de caridade mais extensa e proveitosa do que o que apresenta um homem chamado Ruelle, proprietario abastado n'um dos bairros mais populosos de Paris. Este homem, cujos principios fôram assignalados por mil difficuldades, lembrou-se de valer largamente áquelles para quem a vida é cheia de escabrosidades. Para isso mandou construir n'um terreno seu, um edificio destinado a fornecer, por um preço limitadissimo, alimentos aos operarios pobres. Esta nova instituição tem sido unanimemente applaudida. O fim d'este homem é valer, sem envergonhar, áquelles que recorrem ao seu estabelecimento. Assim, o operario encontra alli por uma bagatella, uma comida composta de carne, sopa, vinho, pão e legumes. No fim de trez semanas já o novo estabelecimento era frequentado por mais de trez mil operarios. Falla-se em estabelecer n'outros bairros outras casas á imitação d'esta. O Sr. Ruelle não podia ter recompensa maior do que esta. Ver a instituição que creou produzir os beneficios que esperava, e servir de modelo a outras. Bem haja pela sua idéa.

~~~~~ Dizem os politicos que a França está em crise. Ha quasi um século que dizem a mesma coisa. Se os acreditarmos sae-se d'uma, entra-se n'outra. A conclusão historica é facil de tirar. É preciso arranjar uma nova, para que esta acabe. Depois outra, e assim por diante até á consummação dos séculos.

Quando esta opinião ainda não era corrente, em 1851, quando ainda havia esperanças de formular um regimen que governasse os francezes, uma noite em casa de Emilio de Girardin, discutia-se a crise d'aquella época. O caso, pelos modos, era muito grave. Estavam presentes Victor Hugo, Théophile Gautier e muitos outros. Cada qual dava a sua opinião. Madame de Girardin, a elegante escriptora, fazia as honras da casa. O marido estava trabalhando, n'um quarto que ficava exactamente por cima da salla da discussão. O desanimo era geral e houve um momento em que todos se callaram. Então Madame de Girardin rompeu o silencio, apontando para o ceu e exclamando cheia de fé: « Só elle nos pode salvar ». Effectivamente o caso era grave, só Deus podia vir em soccorro dos homens. Todos concordaram e esperaram. Era o unico meio de resolver a questão. De repente diz Madame Girardin: — Vou chamal-o. — Quem, minha senhora?! perguntou d'alli alguém. — O meu marido!

Tudo se explicou então. Madame de Girardin quando apontara para o tecto, alludira ao marido, que trabalhava no quarto que ficava por cima. Era tal a convicção com que exclamara, que todos julgavam que se referia ao Ente Supremo. Ella tambem se enganava como depois se viu.

~~~~~ Apareceu ha cinco dias um novo livro de Alphonse Daudet: *o Nabab*. Já está na sexta edição. Dentro em quinze dias Roma, S. Petersburgo, Vienna e Nova-York terão devorado

outras tantas edições. Para os livros d'este auctor não são necessarios reclames, annuncios, nem artigos nos jornaes. Apenas apparece algum, logo o mundo inteiro se precipita sobre elle. Daudet é um finissimo observador e poeta, obreiro incansavel e escriptor consciencioso. Da moderna geração é um dos mais notaveis. Sem *parti pris*, sem pertencer a nenhuma escola, observa, conta e descreve com finura e profundidade. É exacto e primoroso. Os seus livros, que parecem feitos sem esforço, são o fructo de longos trabalhos e profundas investigações. Tem trinta e cinco annos e já se póde afirmar que tem adquirido a gloria de ter produzido mais de uma obra sã e de merito.

~~~~~ Toda a gente tem ouvido fallar do *quartier latin*. O *quartier latin* é o bairro dos estudantes, ou antes foi nos seus tempos. Os edificios das escolas ainda lá estão, os estudantes tambem frequentam as aulas como n'outro tempo, com mais assiduidade talvez do que então, mas a physionomia do bairro não é a mesma. Outros tempos, outros costumes. Hoje em vez d'aquellas antigas ruas estreitas, habitadas quasi exclusivamente pelo estudante, vêem-se boulevards e ruas largas como no outro Paris, no que fica do outro lado do rio. Ha quem diga que sempre ha mais estudantes n'este bairro do que n'outro qualquer. Se assim é não se percebe facilmente. O seu traje não differe do dos outros mortaes. Aquella singular cabelleira, aquellas calças de enormes quadrados só por elle usadas, aquelle chapéo de immensas abas, todo aquelle conjuncto extravagante e pittoresco, desapareceu. Os que formaram a ultima camada são hoje magistrados, médicos, escriptores ou sumiram-se na voragem da corrente humana; entraram para o numero dos mortos ou para o dos mediocres, duas coisas que se parecem tanto uma com a outra, a muitos respeito. Debalde algum estrangeiro que fez os seus estudos aqui, procura na nova geração das escolas, uma physionomia que se pareça com as do seu tempo. Não a encontra. Se, comtudo, levado pelas recordações fôr até ás arcadas do theatro do Odéon, ali verá ainda, não o estudante moderno que lhe faça lembrar os camaradas do seu tempo, mas o proprio, um dos antigos, um estudante da sua época, que já não vae ás aulas, mas que ainda conserva os habitos antigos. O fato é menos extravagante, mas em tudo o mais é o mesmo. Todas as casas em que tem morado, tem sido demolidas. Vae para aquellas arcadas como para um refugio. Alli chora as ruinas do passado. É alli que elle vê passar a antiga companheira d'antes triumphante, hoje triste e avelhantada. Nos livreiros d'aquella mesma arcada vê elle o livro que hoje se vende por uma bagatella, e cuja posse era disputada, no dia em que appareceu á venda pela primeira vez. Ás vezes, nas tardes de inverno quando chove ou neva, na sua profunda tristeza, exclama: Porque é que todos teem allegrias e esperanças; porque é que todos esperam que o sol lhes allumie as almas, em quanto a minha vive envolvida n'este continuo nevoeiro; porque é que os outros mundos teem um horizonte luminoso, emquanto o meu jaz submerso n'este sudario eterno?

A resposta é facil. Aquelle inverno nunca se succedeu a primavera porque á sua alma sempre

faltou o abafio da familia. Nem o calor do lar, nem os carinhos dos filhos, nem os sorrisos da esposa vieram jamais alegrar-a. Quando lhe chegar a ultima hora, passará como se nunca tivesse existido. Desnortado, navegou no mar da vida, sem tormentos nem dóres, mas com o coração mergulhado n'uma tristeza infinda. A bussola que lhe faltou foi a do ideal... foi a do amor.

GUILHERMINO DE SÁ.

LORD LYTTON

O Barão Eduardo Roberto Bulwer Lytton nasceu em 1831 e é filho do fallecido Lord Lytton, que adquiriu uma grande reputação em Inglaterra como estadista, romancista, dramaturgo e poeta. Ainda não tinha dezoito annos quando foi nomeado addido á embaixada de Washington, na qualidade de secretario particular de seu tio, Sir Bulwer (depois Lord Dalling), que era então alli ministro da Inglaterra. Em Fevereiro de 1852 foi transferido para Florença, e depois em Agosto de 1854 para Paris. Até 1862 foi nomeado para varios postos de confiança ora em Constantinopla, ora em Vienna, ora em Athenas e a final em Lisboa, aonde veio pela primeira vez como secretario da Legação. Passou depois como secretario de embaixada a Vienna, Madrid, Paris, d'onde foi nomeado ministro d'Inglaterra em Lisboa. Occupava este ultimo posto quando foi nomeado Governador e Vice-rei da India.

Lord Lytton não é menos conhecido no mundo das letras do que seu pae. Tem publicado muitos romances sob varios pseudonymos, todos muito apreciados pelos amadores das bellas-lettras.

O homem que occupa hoje o posto de maior consideração da Inglaterra, como é o de Governador do novo Imperio da India, não terá esquecido, decerto, as boas relações, e a grande estima que tiveram por elle os Portuguezes, durante a sua estada em Portugal, e ainda menos, como illustrado homem de letras, quanto lhe merece a nação que descobriu o caminho d'essa porção do velho continente em que elle domina como Vice-rei.

D. AFFONSO V EM FRANÇA

Havia quinze annos que reinava em França Luiz XI, que subira ao throno no dia 15 de agosto 1464, quando Affonso V de Portugal, perdida a batalha de Torres contra Fernando e Izabel, quasi aniquiladas as esperanças de conquistar a corôa de Castella, que pretendia como esposo de sua sobrinha D. Joanna, filha d'el-rei Henrique IV, se lembrou de ir invocar o auxilio do astuto monarcha francez. Nascido no dia 3 de julho de 1423, tinha Luiz XI n'essa época cincoenta e trez annos e a sua indole suspeitosa e astuta fôra azedando com a idade, ao passo que o amor da vida, que se manifesta sempre nos velhos com intensidade mais notavel, lhe tirava tal ou qual prestigio que o valor militar

lhe dava emquanto moço. As affeições naturaes nenhuma influencia tinham sobre elle; máo filho, máo esposo, máo pai, máo irmão, amigo pessimo, a sua existencia foi toda de egoismo e de traições; mas a sua alta intelligencia de rei resgata em parte aos olhos da historia a velharia e os crimes do homem, porque ninguem mais do que elle soube firmar a realza sobre as ruinas do feudalismo, tendendo sempre para constituir essa magnifica unidade da monarchia franceza, que deu a esse paiz a preponderancia decisiva que desde o século XVI tem exercido na Europa. Um dos primeiros que iniciaram a época diplomatica, se assim nos podemos exprimir, Luiz XI despendia sommas enormes para ter em todas as côrtes informadores que lhe communicavam os mais secretos designios dos reis estrangeiros, e o traziam sempre ao facto das intrigas e dos projectos dos gabinetes. Amando o dinheiro, mas despendendo-o á larga, não o empregando em magnificencias e em luxo, empregava-o em comprar adhesões e partidarios, julgando, como Philippe de Macedonia, que não havia praça inconquistavel onde podesse entrar um macho carregado de ouro. O seu porte e o seu trajo não indicavam um soberano, e n'uma entrevista com o rei Henrique IV de Castella, os nobres hespanhoes, faustos e opulentos, zombaram muito do miseravel fato do rei de França, cujo chapellinho com imagens de chumbo se tornou celebre pelo muito que o aproveitaram os modernos romancistas e dramaturgos.

Havia no espirito de Luiz XI as mais estranhas contradicções, mas sempre se revelava um homem notavel e um rei de fallas humildes e mansas. Com uma cortezia que parecia tocar ás vezes as raías da baixeza, tinha uma altivez innata que não só fazia com que todos o reconhecessem como rei no meio dos seus cortezaos magnificamente vestidos, mas que até nas entrevistas com os outros monarchas o fazia sobressair. Corajoso porque fez as suas provas, como delphim, na tomada da bastilha de Dieppe, nas campanhas contra os suissos, e como rei, na batalha de Monthéry, affrontando intrepidamente o punhal dos conspiradores, as iras cégas do seu adversario Duque de Borgonha; no fim da sua vida rodeava-se de guardas, encerrando-se em Plessis-les-Tours, e obedecia como uma criança ás prescripções do seu medico que o tratava brutalmente; não recuando nunca diante d'um crime para preencher os seus fins, era ao mesmo tempo incrivelmente supersticioso dando credito aos absurdos da astrologia (o que não admirava porque era crença vulgar no seu tempo) e tendo uma devoção mesquinha pelos santos e pelas imagens de toda a especie de que andava sempre rodeado e cujo nome tinha sempre na boca; pequeno e repugnante como homem, grande como rei, Luiz XI de França, com o seu caracter complexo é incontestavelmente um dos vultos mais notaveis do século xv.

Tal era o homem em quem D. Affonso V se ia imprudentemente confiar. Bem diz Philippe de Commines que, se os conselheiros d'el-rei de Portugal se tivessem melhor informado das coisas de França, o teriam dissuadido da viagem, e Barante accrescenta que D. Affonso V era « um leal e digno principe que não conhecia nem os homens nem as coisas de França. Se os conhecesse havia de saber que o velho costume de Luiz XI era illudir todos com boas palavras, e trazer embaídos e atraíoados aquelles a quem mais obrigações devia, que o Duque de Borgonha Philippe o Bom, que o amparara, quando depois da revolta contra seu pae se refugiara nos seus estados, nunca obtivera d'elle senão vãs promessas; que o duque de Saboya, seu

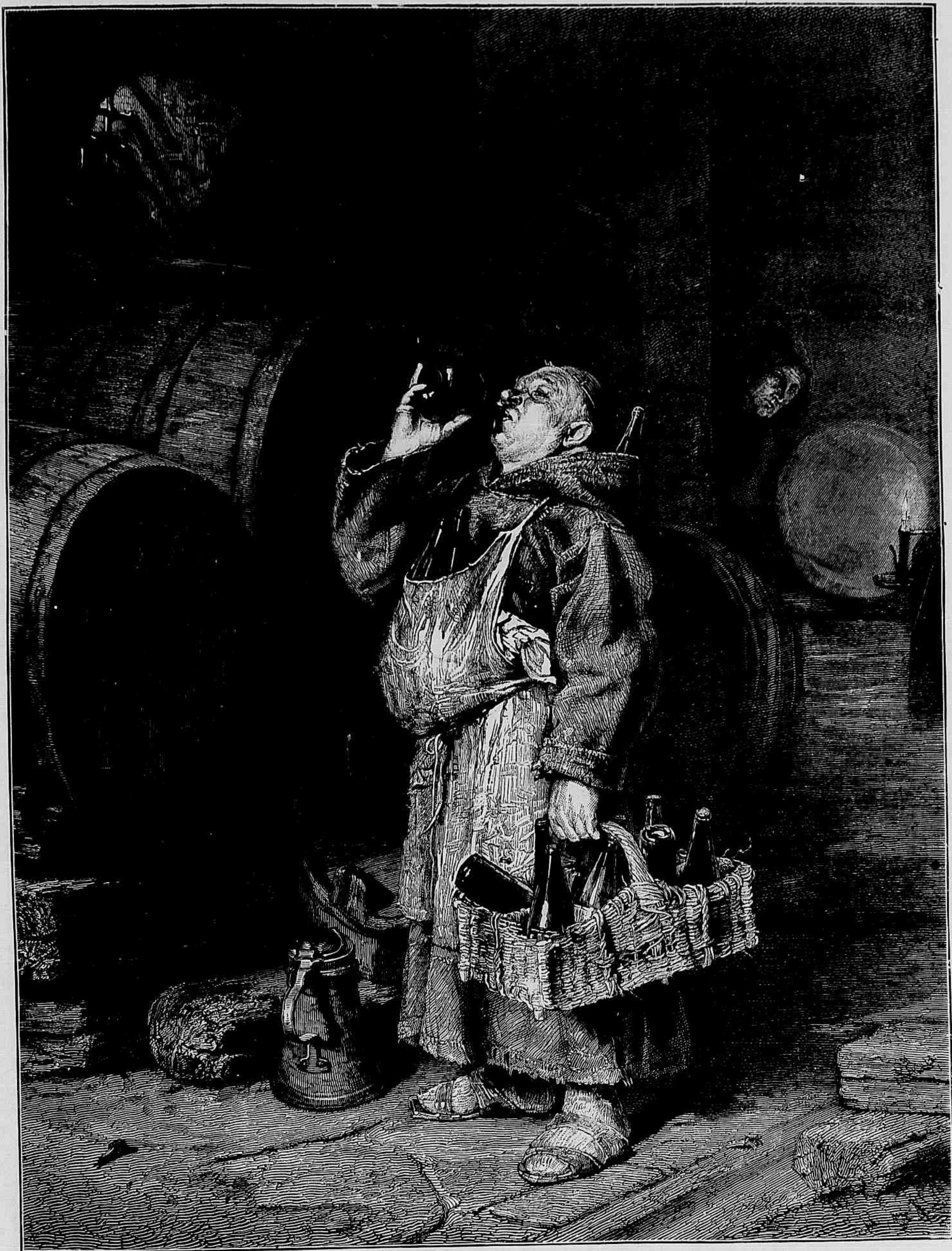
sogro, andara por França transformado n'um verdadeiro escravo do seu genro, porque cometera a loucura de lhe vir pedir socorro contra os revoltosos do seu paiz; saberia enfim que ninguem já se fiava nas palavras de Luiz XI. Affonso V devia ter as maiores desillusões e não havia dois caracteres mais oppostos, elle fazia a guerra pela guerra, Luiz XI só a fazia quando não podia obter d'outro modo o que desejava; elle era o ultimo rei cavalleiro, Luiz XI o primeiro rei diplomata; elle era todo amator da nobreza, Luiz XI comprazia-se em levantar do nada as creaturas mais baixas para lhes dar a preponderancia suprema; Affonso V enfim era magnifico e gastador, liberal até á prodigalidade: Luiz XI mesquinho, avaro e sabia dispendear largamente, mas com proveito e a proposito. Affonso V, em Castella querendo ganhar para o seu partido os nobres adversarios, tão inhabilmente o fizera que muitos tinham gasto a serviço de Izabel o dinheiro que haviam arrancado a Affonso; Luiz XI quando á força de dinheiro fizera passar para a côrte de França Philippe de Commines, até então conselheiro dos duques de Borgonha, arranhou as coisas de modo que Philippe de Commines vio-se na alternativa ou de passar para França ou de ver os seus segredos divulgados, porque Luiz XI já dera ordem que fôsem tomadas umas seis mil libras tornezas que lhe mandara para o attrair a si, não recuando diante do escandalo, comtanto que conseguisse os seus fins. »

Affonso V devia por conseguinte sentir-se extremamente desilludido, quando começasse as negociações com o seu alliado.

Commines engana-se porém quando suppõe que os conselheiros do rei de Portugal o não dissuadiram do seu projecto... quasi todos o desaprovaram, mas Affonso V, que era teimoso, persistio. Como Alvaro de Athayde, seu embaixador em França, lhe trouxe muito boas palavras de Luiz XI, Affonso V sentio-se animado a emprehender o que tencionava, e, depois de enviar Pero de Souza ao monarcha francez para o prevenir da sua visita, saio de Lisboa n'uma magnifica frota de dezeseis naus e cinco caravellas, levando a bordo dois mil e duzentos soldados e quatrocentos e oitenta fidalgos para o seu serviço. Primeiro tencionara D. Affonso ir pelo oceano, mas, como receiava que a poderosa frota, que D. Fernando tinha na bahia de Biscaya, lhe fizesse alguma affronta, decedio-se a ir pelo Mediterraneo para desembarcar em Marselha. Partio de Lisboa em agosto de 1476, e arribou a Lagos aonde lhe veio prestar homenagem uma esquadra franceza, commandada por Mr. De Coulon, a quem Affonso V recebeu magnificamente, agradecendo-lhe muito o auxilio que prestara algum tempo antes á sua praça de Ceuta, assaltada a um tempo pelos castelhanos e pelos moiros, e defendida intrepidamente pelo capitão Ruy Mendes Ribeiro. De Lagos passou Affonso V a Ceuta, e depois fez-se de vela para as costas de França, mas não desembarcou em Marselha por causa do tempo contrario, e foi arribar a Collioure onde deputados do rei de França o receberam e lhe apresentaram tudo o necessario para seguir viagem por terra. Dera Luiz XI ordem para que em toda a parte fôsse recebido com as honras devidas aos proprios reis de França, de modo que os governadores entregavam-lhe as chaves das cidades, e soltavam os presos das cadeias. Assim chegou a Perpignan, d'onde enviou ao rei de França um emmissario, que foi D. Francisco de Almeida, que pela primeira vez apparece na nossa historia, e que tinha de abrir gloriosamente a serie dos vice-reis da India. De Perpignan passou a Narbonne, de Narbonne a Montpellier, depois a Béziers e a Nîmes. Ali deixou a Via Ro-



A BOLSA DE BRUXELLAS



« UMA BOA PINGA »

QUADRO DE EDUARDO GRUTZNER

mana, e tomou por Pont-Saint-Esprit e caminho de Lyon. N'esta cidade veio visitar o Duque de Bourbon, príncipe de sangue, e em Roanne recebeu um recado de Luiz XI, congratulando-se com elle pela sua vinda, e dizendo-lhe que o esperaria em Tours. Em Bourges, n'uma abbadia de Benedictinos, que visitou, mostraram-lhe um rico manuscrito com admiraveis illuminuras encerrando a historia de Lançarote do Lago. Em todos os conventos que visitava D. Affonso V, informava-se das riquezas bibliographicas que elles continham, mostrando o gosto esclarecido que tanto o distinguia e illustrava.

Chegou finalmente Affonso V a Tours; Luiz XI não estava lá, mas deixára para o receberem com todas as honras possiveis, os principaes fidalgos da sua corte, e entre elles Philippe de Commines, já então *sire* D'Argenton, o celebre historiador que trata nas suas *Memorias*, com bastante desdem, do alto da sua importancia diplomatica, *ce pauvre roy de Portugal*, como elle diz. Luiz XI fôra a uma romaria, pretexto, escreve Barante, que lhe servia sempre em todas as suas viagens. Mas d'ahi a pouco tempo voltou a Plessis-les-Tours, e veio, como de passagem, visitar a D. Affonso V.

A entrevista entre os dois reis é uma das coisas mais curiosas que a historia apresenta. Parece que D. Affonso V não estava muito costumado á etiqueta, que a corte de Borgonha principalmente puzera em voga, porque, se acreditarmos Schœffer, mostrou-se um pouco offendido, vendo que dois fidalgos francezes, que o acompanhavam, não lhe permittiram de modo algum que saísse ao encontro de Luiz XI, chegando a illudil-o, dizendo-lhe que ainda el-rei vinha longe quando já estava na rua, e opoñdo-se de todos os modos a que dêsse um passo só que fôsse ao encontro do rei de França. Schœffer diz que bem vio Affonso V que estava prisioneiro. Ruy de Pina não diz semelhante coisa, e em todo o caso errava muito Affonso V, porque essa obstinação em não o deixarem fazer o que elle queria era uma das leis da etiqueta franceza, e mostrava que el-rei de França lhe queria conceder as maximas honras, já que estava disposto a não lhe conceder mais nada.

Mas enfim Affonso V resignou-se e Luiz XI appareceu á porta do aposento. Estão os dois reis em presença, oíçamos agora Ruy de Pina, e, tendo na memoria as magnificas descripções do caracter de Luiz XI, que encontramos em Philippe de Commines, e entre os modernos em Barante e Michelet, e no romance em Walter Scott e Victor Hugo, veremos que ao nosso chronista não faltam as côres tambem para traçar com pittoresca fidelidade o vulto do rei de França.

« El rei de França vinha com um só barrete na cabeça, tendo já d'ella tirado um barrete e duas grandes carapuças, e trazia solto um saio curto de mão panno, á cinta uma espada d'armas muito comprida, com a guarnição de ferro limado, e umas botas calçadas e nos pés as esporas do mesmo jaez da espada, e ao pescoço uma beca de chamalote amarello, forrado de cordeiras brancas muito grosseiras, e umas calças brancas entre-talhadas de muitas côres. E ambos os reis, com os barretes nas mãos, se abraçaram inclinando os joelhos muito baixo. E, tendo el-rei de França assim abraçado el-rei, com os olhos no céu, disse que dava muitas graças a nossa senhora e a monseor Sam Martin, porque a um pobre homem como elle era fizeram tanta mercê, que a seu reino e casa o viesse ver e visitar um tamanho rei, que elle sempre desejára tanto de ver e ter por irmão e amigo, e que porém elle não crêsse que era vindo em reino estranho, mas no proprio seu;

porque assim se faria n'elle todo seu prazer e serviço como no de Portugal. E com isto acabado se recolheram á camara, á entrada da qual sobre quem se cobriria e entraria primeiro houve entre ambos grandes e louvados debates. E enfim el-rei D. Affonso se deu por vencido, dizendo que havia por melhor ser-lhe bem mandado que cortez. »

Olhem como nos salta da tela aquelle Luiz XI tão nosso conhecido, como nos avultam as suas feições astuciosas e velhacas. É o mesmo de quem o Duque de Borgonha dizia: *Je crois qu'on n'a jamais tant promené personne avec de belles paroles. On me promet monts et merveilles et nul effet ne s'ensuit*. O mesmo Luiz, cuja palavra, segundo a phrase de Molinet « *estoit tant douce et vertueuse qu'elle endormoit comme la seraine tous ceux qui lui présentoient oreilles*. Mas Affonso V, que não tinha do caracter de Luiz XI a experiencia que seu tio Philippe o Bom á propria custa adquirira, deixou-se embair por suas doces palavras, e folgou immenso com o auxilio que Luiz promettera. Effectivamente Luiz mostrou-se muito disposto a dar-lhe auxilio, mas advertindo-o que primeiro conviria que fôsse Affonso V pedir ao Duque de Borgonha, que estava então em guerra com o Duque de Lorena, e que cercava Nancy, que o ajudasse contra Castella, ou ao menos que segurasse o rei de França que o não atacaria enquanto elle estivesse guerreando a favor d'el-rei de Portugal. Disse-lhe mais que tratasse de obter a dispensa do papa, que legalisasse o seu casamento com sua sobrinha D. Joanna, prometendo-lhe, logo que isto se obtivesse, ajudal-o com soldados, e principalmente com dinheiro, porque elle estava certo de que os alcaides castelhanos seriam vencidos mais pelo oiro do que pelo ferro.

D. Affonso V ficou radiante com estas promessas, e a condição, que lhe era necessario preencher para ellas se realisarem, affigurava-se-lhe facillima. El-rei Luiz de França, enquanto lhe não dava as grandes sommas promettidas, pediu-lhe que ao menos acceitasse cincoenta mil escudos de oiro « para convidar alguma gentil dama, como era usança e cortezia do seu reino. » D. Affonso, homem essencialmente honesto, regeitou polidamente a offerta. Era mais um symptoma da incompatibilidade d'aquelles dois caracteres; costumado á severidade de costumes usada então na corte de Portugal, e que era como que um distante reflexo da virtude innoculada por Philippe de Lencastre em seus filhos e nas pessoas que o rodeavam, não podia sympathisar com um homem como Luiz XI que folgava principalmente com obscenidades. Afastaram-se pois os dois soberanos descontentes um do outro, posto que satisfeitos, Affonso V por julgar os seus negocios bem encaminhados, Luiz XI por ter mais uma vez logrado alguém.

II

Carlos o Temerario, duque de Borgonha, filho de Philippe o Bom e de Izabel de Portugal, irmão d'el-Rei D. Duarte, era por conseguinte primo co-irmão d'el-Rei D. Affonso V. Tão violento e brutal como Luiz XI era manhoso e manso, o duque, possuidor de um dos estados mais poderosos da Europa, fôz sempre inimigo do Rei de França; teve-o nas suas mãos em Péronne, mas não soube usar d'esse feliz acontecimento, e julgou triumphar arrancando ao seu prisioneiro um tratado vantajoso, que Luiz XI jurou de si para si não cumprir. E comtudo Luiz XI raras vezes se collocou em hostilidade aberta contra Carlos o Temerario, mas não encontrava este na sua frente um só inimigo, que não fôsse movido pela mão occulta de Luiz XI.

Foi elle que animou os Suissos, e que lucrrou, sem arriscar um soldado, com as duas victorias de Granon e Murat ganhas pelos montanhezes da Helvecia contra a brilhante cavallaria feudal de Borgonha, foi elle que incitou René, Duque de Lorena, a recuperar os seus Estados de que o Duque de Borgonha o despojara, e, quando D. Affonso V intentára ingenuamente reconciliar os dois adversarios implacaveis, estava Carlos o Temerario sitiando a cidade de Nancy, capital da Lorena, que se declarára pelo seu legitimo senhor. Luiz XI rio-se *dans sa barbe* da tentativa que o pobre D. Affonso V ia emprehender, e esperava talvez que illudisse tambem algum tanto Carlos de Borgonha, ao passo que as suas tropas caminhavam secretamente com as do Duque de Lorena, e que elle esperava, como o corvo sinistro, os primeiros rumores de uma derrota, para cair sobre a preza do campo de batalha e cevar-se n'ella. Carlos de Borgonha tinha só uma filha, e Luiz esperava, com boas razões, apanhar-lhe a herança. Partio Affonso V contentissimo para o acampamento de seu primo. Era no coração do inverno; cobria a neve os caminhos, e elle cavalgava, acompanhado por alguns nobres, caminho de Lorena, passando por Paris. A recepção que em todas as cidades lhe faziam era pomposa; do seu recebimento solemne na capital de França deixou-nos curiosas narrativas um dos chronistas francezes contemporaneos.

Entrou pela porta de S. Thiago no dia 23 de novembro de 1476, das duas para as trez horas da tarde. Vieram ao seu encontro até ao moinho de vento o preboste de Paris, Roberto d'estouteville, o chancelier Dorisle, todos os magistrados com as suas vestes de damasco branco e vermelho orladas de ricas pelles, prelados, conselheiros do Parlamento, intendentes, officiaes do Rei e da justiça, burguezes. Da porta de S. Thiago para dentro da cidade, levaram-no debaixo de um rico pallio bordado com as armas de Castella. Em Santo Estevão dos Gregos encontrou a corporação da universidade de Paris que lhe deu as boas vindas; foi a Nôtre-Dame, onde o esperava o prelado, fazer a sua oração, e seguindo pela ponte de Nôtre-Dame, á entrada do mercado Palu achou homens com cincoenta archotes accesos, que lhe rodearam o pallio. Defronte da casa de um alfayate chamado Motin, estava um tablado com diferentes personagens esperando a sua vinda. Finalmente D. Affonso V foi pousar nas casas de um burguez de Paris, chamado Lourenço Herbelot, e ahi recebeu magnificos presentes. Enquanto esteve em Paris, foi assistir aos debates de uma demanda no Parlamento, e a um doutoramento em theologia no palacio episcopal. Em toda a parte aonde ia o recebiam com grande pompa, sendo acompanhado sempre pelo *sire* de Gamoust, logar-tenente do Rei em Paris. No domingo 1 de dezembro, toda a corporação da universidade desfilou por diante da sua casa, e foi á igreja de Saint-Germain-l'Auxerrois cantar uma missa de gala. Finalmente o *sire* de Gamoust deu-lhe uma ceia magnifica. Assim recebido pomposamente por toda a parte onde passava, D. Affonso V dirigio-se para o acampamento de seu primo, cheio de esperanças no resultado da embaixada. Carlos o Temerario, posto que azedado pelos seus ultimos desastres, tendo-se-lhe transformado em verdadeira loucura a habitual impetuosidade, recebeu-o maravilhosamente; Carlos ufanava-se da sua origem portugueza, e bastantes vezes se gabava d'ella, quando, para insultar Luiz XI, regeitava irritado a sua nacionalidade franceza, e os laços de parentesco que uniam a casa de Borgonha á casa de Valois.

Affonso V chegou ao acampamento a 29 de dezembro de 1476. Estava por dias o desenlace

fatal d'esse inquieto drama da existencia do filho de Philippe o Bom. Os fidalgos estavam descontentes, os soldados exhaustos, e a traição envolvia-o nas suas redes, porque um napolitano, o Conde de Campo-Basso, em quem depositava plena confiança já tinha intelligencia com o inimigo. Apesar das numerosas preoccupações que o saltejavam, Carlos recebeu affavelmente o Rei de Portugal. Abraçaram-se sobre o rio Meurthe congelado. A respeito do que se passou na entrevista contam o caso de um modo diverso os historiadores portuguezes e os francezes. Aquelles, cuja opinião Schœffer adopta, referem que o duque, apesar de se queixar da deslealdade de Luiz XI, prometeu tudo quanto Affonso V lhe pediu, de forma que o rei de Portugal partio para Paris muito satisfeito. Estes, e entre elles Commynes, dizem que o Duque nem quiz ouvir fallar em compromissos com o Rei de França e propoz a seu real primo que o ajudasse n'essa guerra em que estava, e que fôsse defender Pont-à-Mousson contra o duque de Lorena. Affonso V, muito surprehendido, desculpou se e partio. Adoptámos esta versão, que nos parece mais conforme com o caracter de Carlos e com as disposições do seu espirito n'essas circumstancias.

O certo é que Affonso partio desanimado, e entretanto os acontecimentos succederam-se com rapidez terrivel, e no dia 5 de janeiro de 1477, Carlos o Temerario foi derrotado e ficou morto no campo de batalha. D. Affonso V logo sentio que essa morte era para elle um deploravel acontecimento, e mostrou por isso tristeza, inspirando suspeitas aos Francezes, que principiaram a olhal-o com desconfiança, elles que estavam cheios de regozijo por um successo para elles tão fausto.

Comtudo essa morte exercêra uma influencia benefica nos negocios de Affonso V. O Papa, vendo Luiz XI desaffrontado do seu mais terrivel inimigo, quiz ser-lhe agradável, e concedeu a Affonso V a dispensa necessaria para casar com sua sobrinha. Mas Luiz XI importava-se bem com isso, avido e febril tratava por todos os meios de se apoderar da herança do duque de Borgonha, e fôra pessoalmente para Arras a fim de estar mais proximo do campo onde trabalhava a diplomacia.

A Arras mandou el-Rei D. Affonso o Conde de Penamacôr pedir a Luiz XI uma entrevista que lhe foi logo outhorgada com toda a deferencia e honras; mas nem por isso os effeitos seguiram as promessas. Importava-lhe bem a Luiz XI, n'essa occasião, Castella, Portugal e as suas guerras; a Borgonha absorvia-o todo. Desanimado, abatido, envergonhado de ter servido de juguete á politica de Luiz XI, Affonso V caio n'uma profunda tristeza; não ousava apparecer outra vez em Portugal, d'onde nunca deveria ter saído, e n'estas incertezas e n'estas tribulações lhe correu uma grande parte do anno de 1477. Passando da extrema confiança á extrema suspeita, não havia crime de que não julgasse Luiz XI capaz. Imaginando até que o quieria prender e entregar a D. Fernando, tomou de subito a resolução de partir, e com os seus criados foi para Rouen, e de Rouen passou a Honfleur, pequeno porto da Normandia. N'esse arido sitio, batido pelas vagas, em presença do nebuloso Oceano, passou Affonso V longos e amargos dias, lembrando-se talvez com infindas saudades da sua formosa Lisboa e da sua ridente Cintra onde nascera e aonde havia de ir morrer. Dava largos passeios a cavallo, depois encerrava-se no seu quarto e escrevia, mettendo depois os papeis n'um cofre que fechava com toda a cautella. Um dia saio como de costume, a cavallo, era a 24 de setembro de 1477; levava consigo dois moços da camara,

dois moços de esporas, e o capellão a quem mandára que o fôsse esperar á estrada. Quando já estava longe de Honfleur, deu a um moço de esporas a chave do cofre onde encerrava os papeis que escrevêra, e ordenou-lhe que voltasse e entregasse aos fidalgos a chave, e lhes dissesse que dêssem aos papeis o destino que elles tinham. Já estavam todos inquietos com a desusada demora de D. Affonso V, quando o moço de esporas chegou. A leitura dos papeis mudou em assombro e em terror o espanto dos Portuguezes: Affonso V escrevia uma carta a Luiz XI de França, queixando-se com leves remos da sua má fé, e dizendo-lhe que, desanimado e desilludido das vaidades do mundo, abdicava a corôa em seu filho, e partia como peregrino para Jerusalem em cumprimento de um antigo voto que fizera. Outra carta era para seu filho, o Principe D. João, em que lhe communicava o que resolvêra, e lhe ordenava que tomasse a corôa e se fizesse acclamar Rei. Terceira carta, muito affectuosa, dirigia-se aos fidalgos que ficavam em França, desculpando-se de assim os desamparar, e ordenando-lhes que obedecessem ao conde de Faro.

Se a afflicção dos Portuguezes foi grande, não foi menor a de Mr. de Lebrer, fidalgo francez que Luiz XI collocára junto de Affonso V, e que estava responsavel pela pessoa do nosso monarcha. Lançou em rosto aos Portuguezes a sua negligencia e com a cabeça perdida, mandou emissarios em todas as direcções com ordem de impedirem D. Affonso V de partir, tratando-o com o maior respeito. Quem o descobriu n'uma pequena povoação da costa foi um fidalgo normando chamado Robinet-le-Bœuf. O Rei, para ser menos conhecido dormia e comia juntamente com os seus criados, mas o Normando ainda assim deu uma noite com elle, pedindo-lhe as maiores desculpas pelo ter despertado. Affonso V estava na cama, o Normando saio, e muito em segredo juntou o povo da aldeia e agrupou-o em torno da casa, onde D. Affonso V estava, de modo que lhe impediram a saída. Logo expedio mensageiros ao conde de Penamacôr, ao conde de Faro, a M. de Lebrer, e a Luiz XI, participando-lhes o feliz encontro. Os fieis Portuguezes correram logo á pobre aldeia, onde seu amo estava, beijando-lhe as mãos e regando-lh'as de lagrimas; M. de Lebrer não cessava de lhe supplicar que não insistisse no seu projecto de fuga. Ao mesmo tempo Luiz XI que recebêra a carta do Rei de Portugal, um tanto envergonhado de ter dado causa áquella triste resolução, e principalmente afflicto ao lembrar-se do que diria o mundo, quando visse que pela sua má fé lançára no desespero um Principe nobre e leal, Luiz XI escrevia uma carta a Affonso V, cheia de consolações e de promessas, em que procurava emfim sanar as feridas que elle mesmo rasgára.

Affonso V deixou-se persuadir por tantas supplicas, mas o que não quiz foi demorar-se mais tempo em França. Vergonhoso ainda do má exito da sua tentativa de fuga, não regressou a Paris, e desejou partir logo para Portugal, saindo, não de Honfleur, mas de um dos mais pequenos portos de mar da Normandia, La Hogue, a bordo de um navio pequeno que mandara fretar. Luiz XI, satisfeito por se ver livre de tão incommodo hospede, ao menos quiz dar toda a pompa á sua saída, e fazer-lhe as maiores honras para disfarçar aos olhos do mundo a perfidia de que se tornára culpado para com elle. Uma esquadra franceza commandada por Jorge Paleologo de Bicipat, cognominado o Grego, porque o era de nação, e só n'esse mesmo anno se naturalisou francez, foi logo equipada para acompanhar o navio do rei de

Portugal, e, partindo emfim das costas da Normandia em outubro de 1477, veio arribar a Cascaes no meado de novembro do mesmo anno.

Assim findou a louca peregrinação de Affonso V, que, de indole um tanto infantil, porém nobre e leal, não podia comprehender os caracteres habeis mas retalsados como o de Luiz XI. O astuto monarcha logrou-o completamente, e, no meio d'aquelle drama terrivel que então se representava em França e que tinha por actores principaes o Rei Luiz XI e o Duque de Borgonha, Affonso V passou como um comparsa indifferente senão importuno. *Ce pauvre roy de Portugal!* dizia desdenhosamente Commynes; mas ainda assim, fôra da esphera diplomatica onde Luiz XI imperava, o caracter bom de Affonso V foi devidamente apreciado, e o principe estrangeiro inspirou sympathias na França, sympathias que transluzem nas chronicas de um modo bastante claro para que Barante, que as segue, chame a D. Affonso V *prince noble et loyal*. Depois, em toda a parte por onde passava, procurava as raridades bibliographicas, acolhia os sabios, mostrava-se erudito, eloquente (era este um dos seus predados) de forma que o regio habitante do longiquo occidente não se apresentou como um barbaro, mas como um dos mais civilizados homens do mundo n'essa babelica Paris, onde já começava a sentir-se que os destinos a ladavam para ser o centro da civilização europêa.

PINHEIRO CHAGAS.

A BOLSA DE BRUXELLAS.

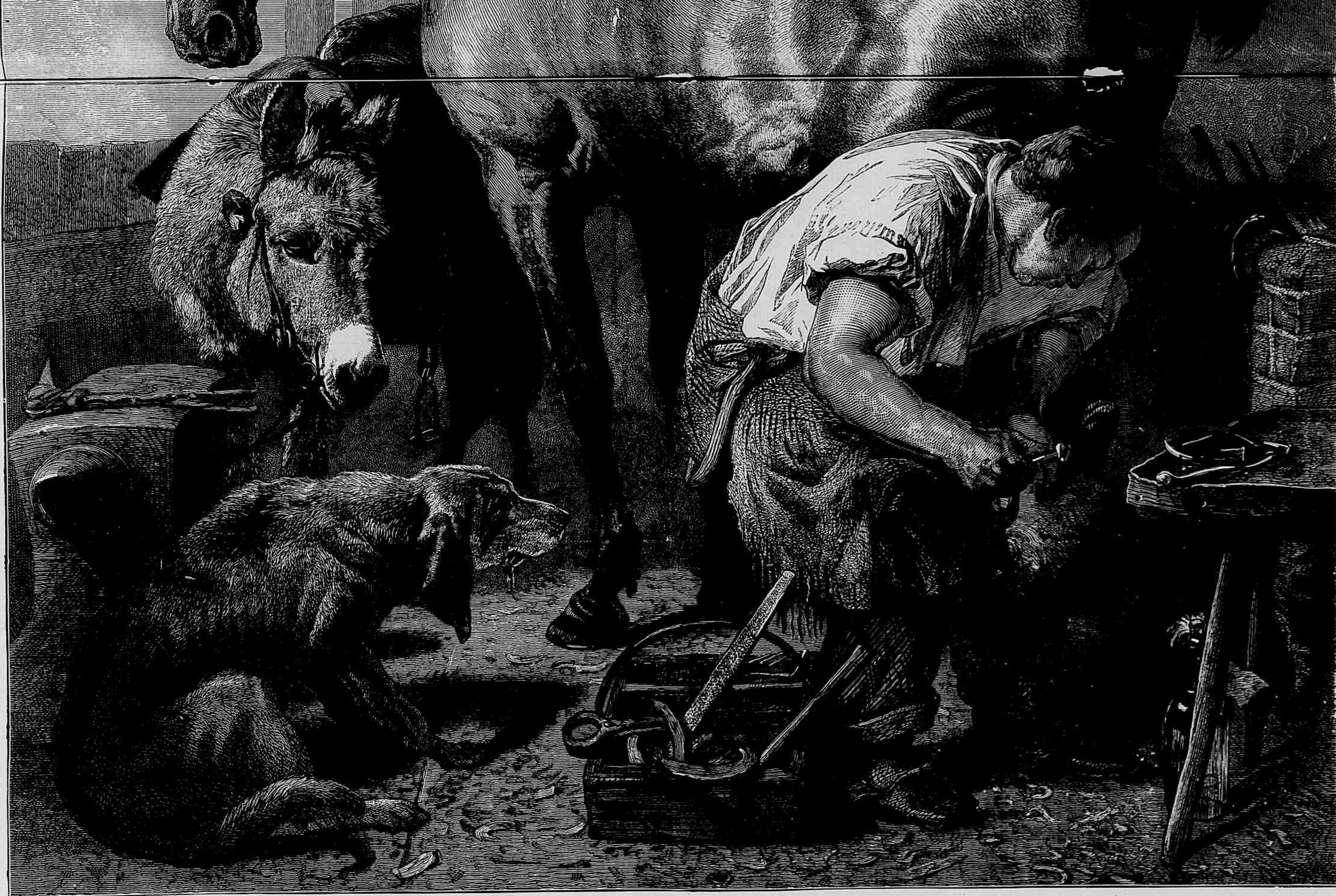
No principio do anno de 1874, foi aberto á circulação, em Bruxellas, o novo *boulevard* denominado *Central*. O principal edificio d'este *boulevard* é o da nova Bolsa representado na nossa gravura. É de forma rectangular, tendo 100 metros de comprimento por 50 de largo. O estylo é mixto. O architecto soube alliar os typos de varias epochas; o ferro harmonisa-se com a pedra formando uma esplendida salla, das maiores da Europa. A esculptura ornamental é riquissima. O frontispicio representa a cidade de Bruxellas, rodeada de grupos de figuras allegoricas: a Industria, a Agricultura, a Paz, a Navegação, a Pintura, o Commercio, etc. A salla principal, que tem a forma d'uma cruz latina, é magnifica. A cupola é sustentada por doze columnas Corinthias, de estylo cinzento-encarnado, enquanto que as gallerias assentam sobre columnas imitando porphyrio vermelho-escuro. O chão é uma obra prima de mosaico, executado por Italianos.

UMA BOA PINGA.

Que delicia! Não o podiam encarregar d'uma commissão melhor, nem de mais facil execução. O que lhes não veio á idéa, quando o mandaram para alli sósinho, é que a carne é fragil, e nem sempre resiste á tentação. Coitado! como não havia de succumbir. Tudo é vinho á roda d'elle: nos cascos que tem na frente, no cantaro que tem aos pés, no cesto que leva na mão esquerda, no frasco da mão direita; ainda mais, até no capuz, e por ultimo no avental traz garrafas.

A intenção é boa. Escolheu o melhor, o do frasco, para castigar mais severamente a carne. Já agora vá até ao fim. Esgote-se o calix até ás fezes. Não sei se n'este convento as regras são rigorosas. Se são, lá está aquelle finorio a espreital-o, e o resultado ha de ser castigarem-lhe a carne, mas por outra forma, menos agradável.





O FERRADOR

QUADRO PINTADO EM 1844 POR EDWIN LANDSEER

O FERRADOR

De todos os quadros de Landseer é este um dos mais conhecidos e populares. O pintor descreve admiravelmente o momento em que o cavallo lança aquelle olhar intelligente e reprehensivo em que parece dizer: « Para que torturas assim os cascos que a natureza fez para crescer livremente? Para que os queimam tão barbaramente, e lhe cravas esses ferros? »

Durante a vida do artista não houve quem o excedesse na pintura de animaes. Muitos dos seus quadros são verdadeiros primôres do genero. Tinha apenas treze annos de idade, em 1815, quando expôz o primeiro na Academia Real de Londres. Desde essa data até 1870, só em cinco exposições deixou de apparecer com alguma producção nova. Assim, durante mais de meio século, foram os seus quadros o maior attractivo das exposições da Academia. Hoje um grande numero d'elles está na mão da Duquesa de Abercorn, podendo-se affirmar que em Manchester e arredores existe a maior parte das suas produções.

Edwin Landseer nasceu em Londres a 7 de março de 1802, e morreu na mesma cidade no 1º de outubro de 1873.

UMA VADIA

O burgomestre estava em pé encostado á janella aberta. Trazia uma camisa de punhos, com um broche que brilhava nas pregas do peitilho. Acabára de barbear-se, e apesar do cuidado com que se tinha escanhado, havia dado um pequeno corte sobre o qual tinha pregado um pedaço de jornal.

— Hé! rapaz, ouve cá!... gritou de repente.

Esta interpegação era dirigida ao filho da pobre lavadeira que passava defronte da janella e cumprimentava respeitosa e tirando o boné; a palla estava rasgada pelo meio, de modo que, quando lhe parecia, enroscava-o e mettia-o na algibeira. Com o seu fatinho pobre, limpinho e remendado com todo o cuidado, com os seus pesados tamancos nos pés, o rapaz estacou, sem dizer nada, penetrado d'um respeito tão profundo como se estivesse diante do proprio rei.

— És um bom rapaz, disse o burgomestre, e bem criado. És filho d'aquella mulher que lava acolá no rio, e isso que levas ali na algibeira é para ella, não é assim? É pena que tenhas uma mãe d'aquellas! Que porção levas ali?

— Meia-dóse, disse a meia voz a criança amedrontada.

— E pela manhã levaste-lhe outro tanto, continuou o burgomestre.

— Não senhor, foi hontem, respondeu o rapaz.

— Duas meias fazem uma dóse inteira. Também ella não faz nada! Que gente tão inutil! Dize a tua mãe que deveria ter ao menos alguma vergonha, e, quanto a ti, oxalá que não venhas a dar em bebado, ainda que talvez não tarde. Está bom, vae-te embora.

E o rapazito seguiu o seu caminho. Conservou o boné na mão; a viração passava-lhe por entre os cabellos loiros, fazendo fluctuar os anneis á mercê do vento. Desappareceu á esquina da rua e metteu-se por uma travessa que ia dar ao rio, onde a mãe, com os pés na agua, estava a ensaboar com grande custo uma porção de roupa. A corrente, mais forte do que de costume, por terem levantado as comportas do moinho,

ameaçava arrebatá-la a taboa coberta de lençóis em que ella trabalhava. A pobre lavadeira segurava-a com quanta força tinha.

— Se não viesses, não tardava que não fôsse pelo rio abaixo. Já não podia mais. A agua está muito fria; já vae para seis horas que aqui estou mettida. Tens alguma coisa que me dês?

O rapaz tirou a garrafa da algibeira, e a mãe, pondo-a á boca, engulio um trago do que havia dentro.

— Como isto faz bem! aquece! É quasi tão bom como um jantar quente, e custa mais barato! Bebe, meu filho! estás pallido, e has de ter frio, com esse fato tão fino. Já estamos no outomno. Prúú!... a agua está que parece gelo! Deus queira que não caia doente! Ah não, isso não podia ser! Vou beber mais um gole; e tu também, bebe, mas só uma gotinha, não te acostumes a isto, meu querido filho.

Depois atravessou uma ponte de taboas, onde estava o pequeno, e veio para terra. As saias e uma esteira que trazia amarrada á roda da cintura a servir-lhe d'avental, escorriam agua.

— Tenho estado a trabalhar com tanta força, que me arreventou o sangue na ponta dos dedos. Faço-o da melhor vontade. Se ao menos pudér educar-te como deve ser, meu rico filho!

Enquanto ella fallava, uma mulher já idosa, decrepita, coxa e cega d'um olho, aproximára-se. Uma trança de cabellos postiços cobria o olho enfermo ou ausente. A trança, segundo a idéa da velha, servia para tapar o olho, quando pelo contrario, não fazia senão attrahir a attenção sobre a enfermidade que queria occultar. « A Martha da trança », como lhe chamavam os visinhos, era intima amiga da lavadeira.

— Pobre mulher! muito trabalhas, e de mais a mais com a agua tão fria como ella está! Não tens remedio senão aquecer-te conforme podes; é por isso que as más linguas fallam tanto, por beberes uns goles d'aguardente!

Em poucos minutos, Martha passou á lavadeira tudo o que o burgomestre tinha dito antes, pois tinha ouvido a conversa que contámos no principio d'esta narração. Estava zangada e enfurecida por ter ouvido o magistrado fallar d'aquella maneira a um filho da sua propria mãe, e os termos de que se tinha servido quando tinha fallado da pequena quantidade de alcool que a lavadeira bebia, tinham-na exasperado, tanto mais que n'esse dia, o burgomestre dava um grande jantar em que não haviam de faltar garrafas! Vinhos finos, fortes e velhos! Muitos d'aquelles senhores hão de beber mais do que o que podem... Mas isso não se chama beber... É tudo gente honrada... Tu é que não serves para nada!...

— Ah!!! fallou contigo, filho? disse a lavadeira, com os labios convulsos. A tua mãe é uma preguiçosa, uma vadia!! Talvez tenha razão, embora, não o devia dizer a meu filho. Sempre, em todas as épocas, tem-me sido fatal aquella casa!

— Quando os paes do burgomestre estavam vivos, ha já bastantes annos, estava lá a servir, é verdade. De então para cá tem comido muito sal, ali está porque é que bebem tanto.

E Martha ria e chanceava.

— O burgomestre dá um grande jantar hoje; não se lhe daria de mandar dizer aos convidados que não viessem, mas já era tarde; e depois já estava tudo preparado. Os criados contaram-me tudo. Acaba de chegar uma carta, annunciando

a morte do irmão mais novo, que estava em Copenhague...

— Morreu! exclamou a outra, empallidecendo.

— Intão o que tem isso? replicou Martha, importa-lhe? Ah, é verdade! esquecia-me que o conhecia; antigas lembranças do tempo em que servia na casa...

— Morreu!... como era bom! que coração d'ouro! O Senhor não recebe muitos que se pareçam com elle!... e as lagrimas corriam-lhe pela cara abaixo. Ó meu Deus!... parece que tudo me anda á roda. É porque bebi a garrafa toda, e estava fraca... estou muito mal! E encostou-se ás travessas da ponte.

— Jesus! Senhor! isso passa-lhe, disse a outra mulher; o que vejo é que estás deveras mal, e que não passa! O melhor é irmos para casa.

— E a roupa!?!...

— Encarrego-me eu d'ella. Vamos, dê-me o braço. O pequeno fica aqui a tomar conta; d'aqui a bocado, volto e acabo o que falta, não me custa nada!

A doente apenas se podia sustentar nas pernas.

— Fiquei muito tempo demais na agua fria; desde pela manhã que não como nem bebo; estou com febre. Jesus! ampara-me, para que eu possa chegar a casa!... Meu pobre filho!...

E chorava. A criança também chorava. Depois sentou-se á borda do rio, ao pé da roupa que estava de molho.

As duas mulheres afastaram-se vagarosamente; a lavadeira, cambaleando, passou a travessa, voltou á esquina da rua mal se podendo sustentar, chegou a muito custo á casa do burgomestre, e alli caio, prostrada, sobre as pedras. Logo se juntou gente. A côxa correu á casa gritando por soccorro; o burgomestre e os convidados appareceram á janella.

— É a lavadeira, disse o amphitryão; bebeu uma gotinha de mais; é uma rematada vadia. Tenho pena por causa da linda criança que tem. Do pequeno gósto... Mas, repito, a mãe é uma vadia!

A pobre mulher voltou a si e levantou-se; levaram-na para casa e metteram-na na cama. A boa da Martha aqueceu-lhe uma tigella de cerveja com manteiga e assucar; era um remedio dizia ella, que nunca falhava. Depois voltou ao rio, e pôz-se a ensaboar conforme poudo o que faltava lavar; agarrou na roupa molhada e metteu-a n'um cesto. Á noite, sentou-se ao pé da lavadeira, n'aquelle pobre quarto. A cozinheira do burgomestre tinha-lhe dado para a doente umas poucas de batatas assadas e um bom pedaço de presunto. Martha e o pequeno regalaram-se. A doente contentava-se com aspirar o perfume, o qual, segundo a sua opinião, bastava para alimentar uma pessoa.

Deitaram o pequeno na mesma cama da mãe; tinha o seu lugar atravessado, aos pés. Uma velha colcha riscada de azul e encarnado servia-lhe de cobertor.

A lavadeira sentia-se um pouco melhor; a cerveja quente tinha-a fortificado, e o cheiro do jantar tinha-lhe feito bem.

— Quanto te sou obrigada! disse ella a Martha. Quero contar-te tudo, logo que o pequeno adormecer. Julgo que já está a dormir... tem os olhos felhados. Que cara d'anginho que elle tem! Não sabe quanto a sua mãe soffre; Deus queira que nunca o venha a saber!

Eu era criada em casa do conselheiro, pae

do burgomestre. O filho mais novo, que era estudante, veio passar uns poucos de mezes a casa dos paes. Eu era então muito nova, arisca e orgulhosa, — fiel á honra, — lá isso, posso dizê-lo diante de Deus! O estudante era muito vivo, animado, amavel, honesto e leal! Era um rapaz de muito boas qualidades e dotado d'um espirito recto. Melhores do que elle são muito raros n'este mundo. Elle era filho de familia, eu não era senão uma pobre rapariga, todavia amámo-nos — com toda a pureza dos nossos corações. Dar ou receber um beijo não é peccar quando a gente se ama. Um dia confiou tudo á mãe. Ella era para elle como um Deus n'este mundo. Tinha tanto cuidado d'elle, era tão prudente, amava-o tanto! Nesse mesmo dia, partio, depois de me enfiar no dedo um anel de ouro que trazia. Ainda bem não tinha transposto a soleira da porta, quando me vieram chamar para ir á senhora. Approximou-se de mim, com seriedade e doçura, e fallou comigo, como o faria o proprio Deus; definiu claramente a posição, e mostrou-me francamente a distancia que havia entre elle e mim, sem attenuar a verdade.

— Agora, só pensa na tua belleza; mas o exterior muda, a belleza desaparece. Tu não foste educada como elle; não teem ambos a mesma cultura intellectual, ali está a desgraça. Respeito os pobres, — disse ella; — aos olhos de Deus, occupam muitas vezes um lugar mais elevado do que os ricos; mas n'este mundo tal como elle é, é preciso tomar cuidado com os mãos caminhos, o carro póde tombar, e podeis cair ambos. Sei que um bom homem, um bello operario pensa em ti e que te pediu em casamento; — fallo de Eric o luveiro; — é viuvo, sem filhos, goza d'uma posição honesta e boa..... considera isto tudo!...

Cada uma d'aquellas palavras atravessava-me o coração, mas a senhora tinha razão!

Oh quanto me custou a soffrer aquella dôr! Foi desfazendo-me em lagrimas que eu beijei a mão que me estendeu a minha ama; mas ainda mais chorei quando, só, no meu quarto, me atirei para cima da cama. Que horrorosa noite a que se seguiu a este dia angustioso! Só Deus sabe quanto soffri e quantos combates se deram no meu coração despedaçado!

No domingo seguinte, fui á igreja pedir a Deus que me esclarecesse; pareceu-me que a Providencia me indicava o caminho do dever... á saída, Eric veio ter comigo. Então dissiparam-se todas as duvidas e irresoluções; nós convinhamo-nos um ao outro, as nossas posições eram as mesmas; elle tinha alguma coisa de seu, — fui ao seu encontro, e, pegando-lhe na mão:

— Pensas sempre em mim? lhe disse eu.

— Sim, sempre e para sempre! respondeu elle.

— Queres para mulher uma rapariga que te honrará e te respeitará, mas que não te ama?... O amor virá depois...

— O amor virá, disse elle, e apertámo-nos as mãos.

Fui para casa dos meus amos. Eu trazia sobre o coração o anel de ouro que me tinha dado o filho da casa. De dia não o podia metter no dedo: só de noite quando me deitava. Beijava-o tanto e com tanta força, que fazia sangue nos beiços; por fim dei-o á senhora, dando-lhe parte ao mesmo tempo que na semana seguinte se fariam os pregões do meu casamento com o

luveiro. A excellente senhora apertou-me nos braços e beijou-me; — aquella não me chamava vadia... talvez que eu fôsse então melhor do que sou hoje; ainda não tinha passado pelas dôres, pelos tormentos desta vida de decepções.

O casamento fez-se pelo S. João. Ia tudo muito bem durante os primeiros annos; tínhamos um official e um aprendiz, e tu, Martha, eras nossa criada.

— Como era boa para nós todos! disse Martha; nunca esquecerei nem a sua bondade nem a de seu marido!

— Eram bem bons esses tempos! Ainda não tínhamos filhos. Não tornei mais a ver o estudante. Só o avistei um dia, mas elle não me viu. Veio cá por occasião da morte da mãe. No dia do enterro, estava á beira da cova, immovel e mudo com uma pallidez horrorosa; aquellas nobres feições pareciam marcadas por um tristeza mortal... Sem duvida, lembrava-se da mãe...

Depois d'isto, quando o conselheiro morreu, o filho mais novo andava viajando nos paizes estrangeiros, e não voltou. Sei que não casou... julgo que se fez advogado. Esqueceu-me; ainda que me visse, com certeza não me conhecia: estou tão feia. Tambem, melhor é que assim seja!

Fallou por muito tempo dos dias trabalhosos e amargurados e contou como a desgraça tinha desabado de subito em cima d'elles. Possuam cincoenta escudos; como na rua em que moravam se vendesse por duzentos, uma casa, compraram-a para a deitar a baixo e construir outra no seu lugar. O mestre pedreiro e o mestre carpinteiro fizeram os seus orçamentos; a nova casa devia custar mil e vinte escudos. Eric tinha credito. Pedio dinheiro emprestado a um capitalista da cidade... O navio que o trazia naufragou.

Foi n'essa occasião que eu dei á luz essa querida e meiga criança que está ali a dormir aos meus pés. O meu marido teve uma doença grave que lhe durou muito tempo; durante nove mezes, despi-o e vesti-o, sósinha. Tudo nos corria mal, a roda começou a desandar, enchêmo-nos de dividas. Perdemos tudo o que tínhamos, e a final morreu. Trabalhei, lutei, combati... tudo por amor do meu filho. Metti-me a esfregar casas, a ensaboar roupa, servi os fidalgos, servi os lavradores... não pude vencer: parece que Deus quer que assim seja!... O meu Deus! Chama-me para ti, mas não abandones o orphão!

E adormeceu.

No dia seguinte sentio-se com forças, com bastantes forças, — ao que lhe parecia, — para continuar a trabalhar. Voltou como d'antes, como na vespera, para a agua gelada; ali deu-lhe um tremor nervoso, depois um desmaio. Quiz agarrar-se a alguma coisa d'impalpavel e invisivel, ao vacuo, deu um passo, e caio redondamente. A cabeça jazia sobre a lage, as pernas fluctuavam vagamente na agua do rio, e os pesados tamancos de madeira, forrados de palha, acompanhavam os esforços da maré que corria. Foi n'este estado que Martha a veio encontrar quando lhe trazia o café.

O burgomestre tinha mandado n'aquelle mesmo instante um recado dizendo-lhe « que fôsse a casa d'elle pois tinha a participar-lhe uma coisa. » Já era tarde! Tinham ido buscar a toda a pressa um barbeiro para a sangrar... a lavadeira já não existia.

« Tanto bebeu que se matou, » disse o burgomestre.

Na carta que trouxe a noticia da morte do irmão vinha uma copia do testamento do defunto; deixava seis ceis centos escudos á viuva do luveiro, que n'outro tempo fôra criada em casa de seus paes. Conforme o que se julgasse mais conveniente esse dinheiro seria entregue ou em porções maiores, ou em quantias mais pequenas, a ella ou ao seu filho.

— « Não sei que embrulhada houve entre o meu irmão e esta mulher, » disse o burgomestre. — « Estou bem contente que d'esta vez se tenha ido para não mais voltar; o filho ficará com o mealheiro e eu cá o metterei em casa de gente capaz. Póde vir a ser um bom operario. »

Deus Poderoso deu a sua benção a estas ultimas palavras.

O burgomestre mandou chamar o pequeno, e disse-lhe que o tomava debaixo da sua protecção, — e ajuntou que, no fim de tudo, tinha sido bom para elle que a mãe lhe tivesse morrido: era uma vadia!

Levaram-na para o cemiterio dos pobres. Martha deitou uma pouca de areia na cova e plantou n'ella uma roseira; a criança estava ao seu lado.

— « Minha querida, minha querida mamã!... » dizia elle em soluços, — é verdade o que dizem, — que era uma preguiçosa, uma vadia?... »

— « Uma vadia!! Ella!! Era um anjo! » respondeu a velha criada olhando para o céu. — « Ha já muito tempo que o sabia; sei-o melhor desde ante-hontem á noite. Posso com toda a verdade dizer-t'o: era uma santa mulher n'este mundo, e Deus, tambem o sabe lá em cima, no céu. Deixa o mundo dizer: « Era uma vadia!... »

ANDERSEN.

A GUERRA DO ORIENTE

DO LADO DOS TURCOS: UM ESPÃO PERANTE UM CONSELHO DE GUERRA TURCO.

Especialmente perto do Danubio abundam os espiões. Os turcos teem muita difficuldade em os prender, porque os camponeses Bulgaros sympathizam de coração com o exercito inimigo, e muitas vezes é difficil discriminar se apparecem para prestar serviços ou para ver o que se passa. Seja como fór, dos que são trazidos á presença do conselho, raros escapam, e este é provavel que não tarde em ser passado pelas armas. Os Conselhos de guerra dos Pachás, para não ficarem com escrupulos, em geral, condemnam; assim ficam descansados, e tiram-se de duvidas. É a melhor maneira de não sentir remorsos depois.

DO LADO DOS RUSSOS: ARMENIOS FUGINDO DAS ALDEIAS DO CAUCASO PARA PEDIREM PROTECÇÃO AOS RUSSOS.

Apezar dos esforços de Mukhtar Pachá, os saques e as delapidações das tropas irregulares Circassianas tem sido tantas, apezar dos muitos castigos aos que transgredem as ordens, tem sido tantas as crueldades, que os pobres Armenios e outros christãos que habitam as aldeias do Caucaso teem fugido para as linhas russas, onde esperam encontrar protecção. A nossa gravura representa um d'esses exodos, em que os desgraçados levam consigo apenas o que puderam encontrar á mão. São montanhizes pacíficos, que o que mais desejam é viver em paz.

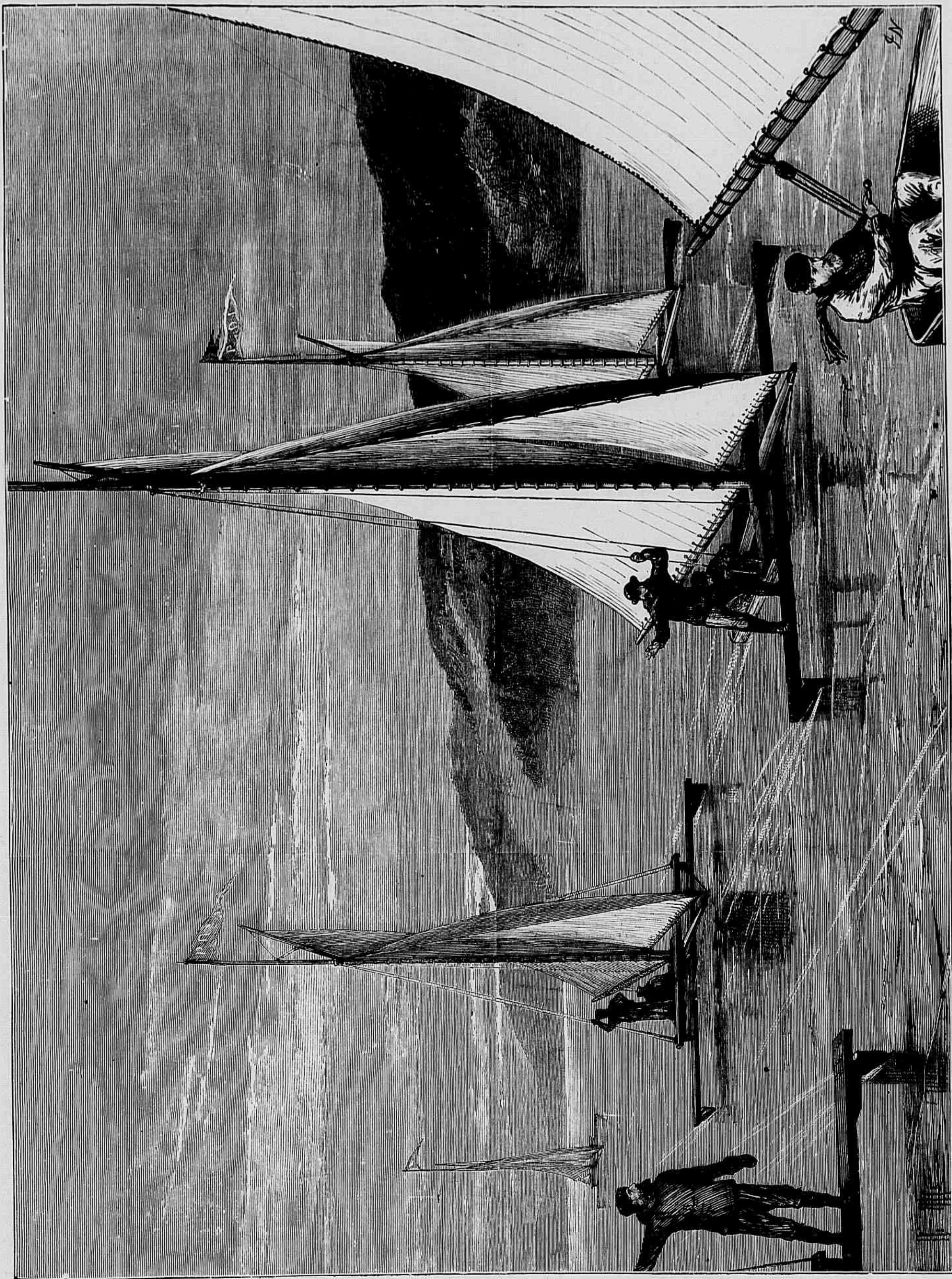


DO LADO DOS TURCOS : UM ESPÃO PERANTE UM CONSELHO DE GUERRA TURCO



DO LADO DOS RUSSOS : ARMENIOS FUGINDO DAS ALDEIAS DO CAUCASO PARA PEDIREM PROTECÇÃO AOS RUSSOS

GUERRA DO ORIENTE



BARCOS SOBRE O GÊLO NO RIO HUDSON (ESTADOS UNIDOS DA AMERICA)

BARCOS SOBRE O GÊLO NO RIO HUDSON.

Historica e topographicamente o Hudson é um dos rios mais interessantes dos Estados Unidos. O scenario entre Nova York e Albany é excepcionalmente pittoresco. É este rio um dos mais navegados dos Estados Unidos. Durante os grandes calores do verão, comquanto o caminho de ferro de Nova York a Albany siga quasi sempre a margem do rio, muitas familias preferem fazer a viagem nos vapores onde podem gozar melhor da brisa refrigerante.

Chegado, porém, o inverno, cessa a navegação. O rio corre mais caudaloso, mas sob uma camada de gelo. É então que se vêem aquelles barcos a que os americanos chamam « barcos do gelo » (ice boats), representados na nossa gravura. Em consequencia da sua construcção especial, e da superficie polida do gelo, correm ás vezes com tal rapidez, que chegam a passar adiante do caminho de ferro que segue o littoral. Em Poughkeepsie, cidade que fica entre Nova York e Albany, os donos d'estes barcos costumam fazer regatas todos os invernos, e é então que se vê aquella phantastica perspectiva, formada por uma frota de barcos, movidos por aquellas azas brancas, a deslizarem com a rapidez do vento sobre o gelo escorregadio.

O ORANGOTANGO

Nos troncos colossaes dos cedros d'outra idade pelos grandes cipós, pelos bambus gigantes foi onde marinhou o Pae da Humanidade.

Já tinha o mesmo gesto e as mãos erguidas, d'antes, já tinha o mesmo aspecto e o mesmo rir sardonico quando via passar os grossos elephantas.

Foi elle que ao surgir d'aquelle mundo harmonico, formoso, colossal, nas sonoras florestas, primeiro fez ouvir o grande riso ironico.

Elle assistia então da Natureza ás festas : trepava nos bambus, corria nas folhagens : e, ao meio dia, dormia as confortaveis sestras.

Já era então o rei d'essas virgens paragens; tinha inventado a caça, e ia fazer a guerra levando em batalhões presbyteros selvagens.

Tudo lhe obedecia: o estreito valle e a serra : rugiam os leões, e os tigres e os chacacs tremiam ao passar o Ancião da Terra.

Com seu nodoso pau corria os bambuaes : dava inicio á primeira e nova sociedade : e o seu jugo assentava aos outros animaes.

Taes estas reflexões, modernas, na verdade, eu commigo fazia, um dia, contemplando um filho dos sertões que expunham na cidade.

Elle era velho e ruivo : o olhar profundo e brando : o riso sensual, e desdenhoso e ufano, tinha as pernas em cruz como um fakir scismando.

Olhava com desdem o hostil vulgo profano : e a escoria, as multidões miravam com respeito comer uma banana o Pae do Genero Humano.

O burguez trivial, solemne, satisfeito, que a toda a parte vai, sorria-se contente dos gestos do macaco, e ria a cada geito.

Apupava-lhe a cauda, a mimica coherente, e arrojava-lhe a rir, com seu sorriso alvar, caroços e avelãs, puxava-lhe a corrente.

O filho dos sertões com seu tranquillo olhar, parecia-lhe dizer : Ó sordido vindouro dos que argueram primeiro as suas mãos ao ar!

Tu és a nossa noção, e unico desdouro. Porque crês valer mais, neto degenerado ? talvez por tua pança e tua burra d'ouro !

Que tens feito de bom, de justo, de sagrado ? que sabes tu de Deus, que sabes tu do mundo, senão se as inscripções desceram no mercado ?..

Porque crês o macaco um ser abjecto e immundo ?.. talvez porque não tem teus candidos peitilhos, e não conhece as quatro operações a fundo !

Porque dos teus botões não tem inveja aos brilhos, porque não dá saraus, porque nos seus sertões Não costuma ensinar o contrabando aos filhos !

Deixa pois, meu burguez, estultas presumpções : Não te rias de nós, nem zombes de Littré, nem Darwin, immortaes macacos-perfeições !

Não tenhas pejo em ser filho do chimpanzé. Peior é, quanto a mim, crê isto piamente ! roubar cada vez mais no grão e no café.

Mas o burguez cruel, sem ver o olhar ardente do venerando Ancião, como os seus semelhantes, cada vez ria mais, interminavelmente.

Pungia-o d'irrisões, de ditos cruciantes : e renegando a Historia, o Homem, todos nós, atirava-lhe a rir caroços sibilantes, apedrejando n'um todos os seus avós.

GOMES LEAL.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

Ha poucos mezes, começou a publicar-se em Lisboa uma interessante revista, sob o titulo « *Museu Technologico, Revista das Industrias portuguezas e estrangeiras e dos principios scientificos, em que as mesmas se fundam.* »

É director desta publicação o sr. Maia Alcoforado. Cada mez sae um fasciculo, e foram já distribuidos quatro fasciculos. Tem a fórma de um jornal, mas de facto é um livro, redigido com esmero, e bastante valioso sob o aspecto scientifico.

É o primeiro fasciculo uma introdução, e dá as noções geraes sobre a industria. Na primeira parte considera e aprecia a industria em relação á historia, em relação á sciencia economica, e em relação á politica. Na segunda aprecia a industria nas suas relações com as sciencias physicas e naturaes.

Trata dos descobrimentos modernos, e da influencia que elles tiveram no desenvolvimento industrial; e explica como a sciencia operou a transformação da industria.

O segundo, terceiro e quarto fasciculos estudam a industria do sal. Em diferentes capitulos descrevem-se as varias origens e procedencias deste producto, e são minuciosamente expostos os processos da sua extracção. A exploração das salinas de Aveiro, e todos os factos que lhe são relativos formam o objecto das ultimas paginas já publicadas.

De quanto interesse é para o nosso mundo industrial o livro de que damos conta, pode avaliar-se por este summario.

A Hegemonia de Portugal, na Peninsula Iberica, por Horacio Ferrari.

O folheto recentemente publicado com este titulo é uma thesa de politica abstracta, perfeitamente deduzida segundo os principios da philosophia naturalista, que servem de base á concepção do sr. Horacio Ferrari.

Uma vez admittidas as premissas, as conclusões seriam incontestavelmente verdadeiras. Da exactidão das premissas é que nós duvidamos porém. Sem as considerar absolutamente falsas, carecemos contudo de dados positivos que as comprovem : e esses parecem-nos deficientes e incompletos nas curtas paginas do novel publicista.

Para concluir pela hegemonia de Portugal na peninsula, parte o sr. Ferrari de dois factos que elle tem para si como provados : a desorganização politico-social da

Hespanha, e a reorganização parallela politica e scientifica de Portugal.

Ninguem pode contestar a desorganização da Hespanha : é um facto por assim dizer palpavel e tangivel : mas não é impossivel que uma organização antithetica esteja incluída nas forças sociaes da nação, e que dentro da propria sociedade hespanhola haja os germens e os elementos organicos da futura reconstrucção.

Enquanto a Portugal os factos são pouco claros, e nada concludentes. Portugal atravessa um momento obscuro e indefinido em que não se destacam os elementos da sua vitalidade, nem é facil avaliar as forças moraes. Tanto se pôde suppôr uma tendencia reorganizadora, como uma tendencia dissolvente. Os caracteres mais vivos da energia nacional estão por assim dizer apagados. Não se pode vêr longe no meio desta nebrina de indifferença. A situação sem duvida ir-se-ha aclarando com o tempo.

Mas se a politica hoje deve ser essencialmente practica, nos estados pequenos deve ser nada ambiciosa. Favorecer sobretudo os progressos moraes é o melhor meio de desenvolver a prosperidade futura.

Sob o ponto de vista da especulação philosophica, o escripto que acabamos de lêr tem certamente valor, e se nos parece uma generosa illusão, honra a elevação de espirito de quem o assigna.

Os Talhos Municipaes, por Luciano Cordeiro.

É a ultima publicação do author dos *Livros de critica e da Memoria sobre Christovam Colombo*. Como o titulo indica, trata de uma questão de interesse local, que tem sido debatida na imprensa e no municipio de Lisboa, examinando-a sob as suas diferentes faces.

Traços geraes de philosophia positiva, por Theophilo Braga.

Concluiu-se a publicação desta obra que sahio em fasciculos, e que fórma um volume compacto, que se vende por 700 rs.

O erudito professor do curso superior de letras, tendo regido provisoriamente a cadeira de philosophia, colligio neste volume as suas lições.

Historia de Portugal Illustrada.

Está publicado o fasciculo 17 do segundo volume desta obra. É acompanhado por uma bella gravura, representando o assassinato do bispo de Evora. O desenho é devido ao lapis distincto e correcto de Manuel de Macedo.

JOÃO TEDESCHI.

VARIEDADES

AS PONTES DE FRANÇA. — Ha em França 1,982 pontes importantes. 861 foram construidas antes do século 19; 74 durante o primeiro Imperio; 180 durante a Restauração; 580 durante o reinado de Luiz-Philippe e 297 desde 1848. D'estas construcções, 9 são de ferro, 14 de madeira, 20 de ferro, madeira e alvenaria, 6 de alvenaria, e madeira, 854 de pedra.

As principaes pontes de França são 11; custaram perto de 8 mil e quinhentos contos. Eis os nomes e comprimentos :

| | |
|--|---------------|
| A ponte de Bordéas, 581 ^m . | 1.233 contos. |
| A ponte sobre o Dordogne, em Cubzac, 545 ^m . | 396 » |
| A ponte de Saint-Esprit, sobre o Rhône, 738 ^m . | 810 » |
| A ponte de Tolosa, sobre o Garonne . . | 486 » |
| A ponte de Libourne, sobre o Dordogne. | 763 » |
| A ponte de Tours, sobre o Loire, 125 ^m . | 760 » |
| A ponte de Guillotière, em Lyon, 263 ^m . | 450 » |
| A ponte de Brest. | 500 » |
| A Ponte-Nova, sobre o Sena, em Paris, 231 ^m . | 720 » |
| A ponte d'Iena, sobre o Sena, em Paris. | 1.100 » |
| A ponte de Roanne, 112 ^m . | 1.200 » |

A COMPANHIA DOS COSINHEIROS INGLEZES. — Fundou-se em Londres, ha quatro annos, uma instituição bastante util, é a *National training school for cookery*, ou Escola nacional de cosinha. D'accordo, a origem é nacional, mas por Deus! escusam de ensinar alli a cosinha nacional ingleza!

Em 1876, 1503 discipulos tinham frequentado a escola; 12 haviam obtido diplomas de mestre ou de mestras e 19 estavam a caminho de os obter. Este anno foi sensível o progresso: 1734 discipulos frequentaram a escola durante dez mezes; d'estes 54 saíram com diploma.

O numero das escolas locais augmentou consideravelmente; passou de 8 a 29.

Os alumnos seguem trez classes: curso de limpeza, curso de cosinha practica, curso d'ensino para os que se destinam ao professorado.

A commissão do conselho d'instrução publica protege

esta instituição e espera-se que faça com que o governo conceda um subsídio com o fim de formar professores capazes de espalhar as suas tradições da cosinha na Grã-Bretanha, que a este respeito, está, como é sabido, ainda muito atrasada.

Segundo a estatística official, Londres cobre actualmente uma superficie de 122 milhas quadradas. As ruas tem o comprimento de 1500 milhas. O numero das casas é de 417,767. A população de Londres e arrabaldes é de 4 milhões 286,607 habitantes.

Uma mulher do campo vae a botica com uma receita na mão. O medicamento constava entre outras coisas de trez centigrammas de um veneno muito forte. O boti-

cario péza com extrema attenção a droga perigosa, quando no melhor da operação, grita d'alli a mulher: — Veja lá, quer-se bom pezo, olhe que é para uma orphã.

Uma criança fez uma maldade.

A mãe zanga-se com ella.

A criança desespera-se, chora, e por entre os soluços, exclama:

Ó meu Deus, meu Deus, para que me nascêram ?!

Propriétaire-Gérant: SALOMON SARAGGA.

Paris. — Typ. Tolmer et Isidor Joseph, r. du Four-Saint-Germain, 42.

Encre de la maison Pradon et Co, à Ivry-Paris.

PUBLICAÇÕES RECENTES

O LYRISMO BRAZILEIRO

Por JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

1 Volume 500 réis fortes

A FOME NO CEARÁ

Poesia de GUERRA JUNQUEIRO

Preço 100 réis fortes.

Á MORTE DE ALEXANDRE HERCULANO

Poesia de GOMES LEAL

Preço.. . . . 100 réis fortes.

Á venda na empreza HORAS ROMANTICAS, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL

POR

Uma Sociedade de Homens de Sciencia

Composto segundo os trabalhos geographicos dos melhores auctores portuguezes, brazileiros, francezes, inglezes e allemães, e de accordo com as ultimas publicações geographicas e estatisticas dos diferentes paizes;

COMPREHENDENDO TODOS OS ESCLARECIMENTOS E INFORMAÇÕES INDISPENSÁVEIS COM RELAÇÃO AO COMMERCIO, ÀS ARTES E INDUSTRIAS FABRIS

Desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a

PORTUGAL, PROVINCIAS ULTRAMARINAS E BRAZIL

Acham-se publicados 38 fasciculos d'este dictionario unico da especialidade em Portugal e que tão lisongeiramente tem sido recebido por toda a imprensa e por todas as pessoas que prezam o bom nome e gloria do nosso paiz. Pela importância que esta obra já hoje tem, apenas no seu começo, pôde-se dizer, sem receio de exagero, que virá a ser considerada pelos competentes como

O primeiro dictionario geographico universal do nosso seculo.

PORTUGAL. — Cada fasciculo de 16 paginas com a competente capa, 100 réis fortes (franco de porte). Para o estrangeiro e ultramar accresce o porte do correio.

Continuam a receber-se assignaturas na Empreza Horas Romanticas. — Rua da Atalaya 42. — Lisboa.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO E RECREIO PREMIOS PARA AS CRIANÇAS

Contos infantis

Cada conto forma um folheto com 6 excellentes gravuras coloridas. Estão publicados e vendem-se em todas as livrarias, os seguintes:

Nº 1. *Chá de D. Bichana*, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

Nº 2. *Jantar dos Tótos*, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

Nº 3. *Pintarroxo*, (ed. esgotada) Preço 120 réis.

Nº 4. *Os tres Ursos*, folheto em 4º grande, Preço 400 réis.

Nº 5. *O cão Palhaço*, Preço 200 réis.

Nº 6. *Historia de João de Gatinhas*, Preço 200 réis.

Nº 7. *Anselmo, o Ruim*, Preço 200 réis.

Nº 8. *Historia do Barba Azul*, Preço 200 réis.

Nº 9. *O Menino e os Gigantes*, Preço 120 réis.

Nº 10. *Aladdim ou a Lampada maravilhosa*, Preço 120 réis.

Nº 11. *Aventuras de um Anão*, Preço 120 réis.

Nº 12. *Alli-Baba*, Preço 120 réis.

EDITOR J. H. VERDE

6, Rua do Duque de Bragança, 8
LISBOA

ALMANACH

PORTUGAL E BRAZIL

PARA

1878

Illustrado com as seguintes gravuras devidas ao buril do distincto gravador o Sr. João Pedroso.

A Circassianna, Os Fadistas, Varino, Arredores do Porto, Lapa dos Esteios, Costumes do Porto, De Vigia, Ovarinas e rio Mondego.

Preço 200 réis fortes. Á venda na empreza HORAS ROMANTICAS, Rua da Atalaya, 42, Lisboa.

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recomendados.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciar a pelle.—Pós de CYPRISS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabelo e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRAT e Agua de CHYPRE para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT

OU
MOSTARDA EM FOLHAS PARA
SINAPISMO.

Medalha de Prata
Havre, 1868

MEDALHA DE OURO
Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA
Paris, 1872

Diploma Honorífico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875

Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas ambulancias e hospitais militares, pela marinha nacional franceza e pela marinha real ingleza, etc., etc.

« Conservar á mostarda todas as suas propriedades, obter em poucos instantes « com a menor quantidade de medicamento « possível um effeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, « com o mais feliz resultado. » (A). Bouchardat, Annuaire de Therapeutica, 1868.

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos freguezes que se acatelem contra o papel que se lhes apresenta como podendo substituir o papel Rigollet para sinapismos. O nosso papel é o unico adoptado pelos hospitais civis e militares e a bordo dos navios do Estado. É além disto o unico premiado nas exposições universaes, tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um diploma honorífico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de Rigollet deve ser recusado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarello, que traz a firma do inventor.

Exija-se esta firma — F. Rigollet.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24. Paris.
Depositos : No Rio de Janeiro, Duponchelle, em Pernambuco, Mauresse e Cia

FERRO BRAVAIS

(FERRO DIALYSADO BRAVAIS)

Ferro liquido em gotas concentradas

UNICO

ISENTO DE ACIDO

Sem cheiro nem sabor



« Com este ferro dizem todas as sumidades medicas da França e da Europa, nem diarrheas, nem cansaço de estomago ; além d'estas vantagens, tem a de não ennegrecer os dentes. »

UNICO ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS
3 medalhas nas Exposições, cura radicalmente
ANEMIA, CHLOROSE, DEBILIDADE, ESFALAMENTO,
NEURALGIAS, FRAQUEZA DA CRIANÇAS, ETC.

É o mais economico dos ferruginos, pois um frasco dura mais d'um mez.

R. BRAVAIS et C^{ia} 13, rue Lafayette, Paris

E EM QUASI TODAS AS PHARMACIAS

MANUFACTURA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS

PRUDON & C^{ia}

Fornecedores da Imprensa Nacional, do Banco de França e dos principaes jornaes de Paris

IVRY-PARIS

(gare prolongée)

TINTA PRETA E DE OUTRAS CORES

Para impressões typographicas e lithographicas ordinarias e de luxo.

MEDALHAS NAS EXPOSIÇÕES

Lyon 1872. — Paris 1872. — Vienna 1873.
Paris 1875.

CONFEITOS FERRUGINOSOS E ELIXIR

Do Doutor RABUTEAU, premiado pelo Instituto de França.

Estes Remedios são receitados e recommendados pelos Professores da Faculdade de Medicina e os medicos dos Hospitais de Paris que certificaram a sua superioridade sobre todos os outros ferruginos para o tratamento da Chlorosis, Anemia, Fluxo branco, Convalescença e Empobrecimento do sangue.

O confeitos e o Elixir do Doutor Rabuteau forticam as pessoas enfraquecidas ou convalescentes, facilitam a menstruação das jovens e offerecem a immensa vantagem de serem tomados sem inconveniência pelos estomagos os mais debéis sem nunca produzir Prisão de ventre.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miudo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Droguistas.

VELOUTINE Pó de Toucador

IMPALPAVEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pelle a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — sem borla.

A' venda nas principaes lojas de perfumarias.

Ch. Fay

9, RUA DE LA PAIX, 9

Paris

CAPSULAS E CONFEITOS

Com bromureto de camphora

DO DOUTOR CLIN

premiado pela Faculdade de Medicina de Paris.

As Capsulas e confeitos do Dr Clin empregam-se com o maior exito nas affecções nervosas em geral e sobretudo nas seguintes molestias : Hysteria, Asma, Doenças do coração e das vias respiratorias, Tosse nervosa, Espasmos, Coqueluxa (tosse convulsa), Insomnia, Epilepsia, Palpitações nervosas, Dança de S. Guy, Paralysis agitante, Contrações nervosas, Nevroses em geral, Perturbações nervosas causadas por Estudos excessivos, Doenças cerebraes ou mentaes, Delirium tremens, Convulsões, Vertigens, Atordoa-mentos, Hallucinações e excitações de qualquer natureza que sejam.

Cautela contra as falsificações e exigir sobre cada letreiro o nome e a firma do Dr Clin.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, 14, PARIS.

Venda por miudo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Droguistas.

Dôr de Dentes

As Gotas Japonezas de Mathay Caylus acalmam instantaneamente a Dôr de Dentes a mais violenta e impedem a volta de novos accessos pela destruição da Caria.

O uso das Gotas Japonezas deve continuar-se até o dente doente ficar totalmente insensivel para obter uma cura completa.

As Gotas Japonezas são d'um emprego facil e d'um uso muito agradável por causa do seu cheiro suave e aromatico.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miudo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Droguistas.

PHOTOGRAPHIE

ÉTIENNE CARJAT ET C^{ie}

10, RUE NOTRE-DAME-DE-LORETTE, 10

AU REZ-DE-CHAUSSEE AVEC JARDIN

Portraits, portraits-cartes, albums, peintures, dessins, émaux, reproductions artistiques et industrielles.

MÉDAILLES :

LONDRES, 1861. — PARIS, 1863, 1864. — BERLIN, 1865.

EXPOSITION UNIVERSELLE, 1867.

Tous les portraits sont exécutés personnellement par M. ÉTIENNE CARJAT.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Da ao cabelo uma cor natural, destroe a caspa e conserva o casco n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas também um tónico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assignatura do Doutor A. Holtz.

Deposito geral en Paris : V. HOLTZ, 12, rua Papillon, 12.

Les abonnements et les annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, Rue de la Grange-Batelière, 14